

Dom Bartolomeu Tiecher: o primeiro pároco dos imigrantes italianos

Marcelo Armellini Corrêa*

Resumo. O primeiro sacerdote a assistir os imigrantes italianos nas colônias do Rio Grande do Sul foi o Padre Bartolomeu Tiecher (1848-1940). Ele emigrou para o Brasil junto com diversos conterrâneos para auxiliar espiritualmente seus patrícios e chegou ao Rio Grande do Sul em 1875 com uma das primeiras levas de imigrantes italianos para o estado. O sacerdote atuou nas colônias Conde D'Eu e Dona Isabel e celebrava missas ao ar livre por causa da falta de igrejas. Preocupava-se com a ausência de auxílio religioso nas colônias, devido à falta de sacerdotes, e com a situação de abandono em que os colonos italianos se encontravam durante a fase pioneira. O Padre Tiecher também se destacou como um naturalista, sendo um grande estudioso da flora rio-grandense.

Palavras-chave: imigrantes italianos, padre, Rio Grande do Sul.

Don Bartolomeu Tiecher: the first parish priest of italian immigrants

Abstract. The first priest to assist Italian immigrants in the colonies of Rio Grande do Sul was the Priest Bartolomeu Tiecher (1848-1940). He emigrated to Brazil along with many fellow countrymen to help his countrymen spiritually and arrived in Rio Grande do Sul in 1875 with one of the first waves of Italian immigrants to the state. The clergyman served in the colonies Conde D'Eu and Dona Isabel and celebrated mass in the outdoor because to lack of churches. As worried about the lack of assistance due to lack of religious priests and abandonment situation in which the italian colonists were in colonies during the pioneering phase. The Priest Tiecher also stood out as a naturalist and a great studios of flora rio-grandense.

Keywords: italians immigrants, priest, Rio Grande do Sul.

A religião é um dos fatores mais importantes na vida dos imigrantes italianos. Em relação à religião, pode-se dizer que esses imigrantes eram católicos em sua totalidade, pois o catolicismo foi o principal componente da identidade coletiva entre os imigrantes italianos.

Essa fé católica caracterizava-se, ainda, como uma recordação mantida da pátria distante. Se esses imigrantes, afastados de seus *paese*, em terra estranha, deviam recomeçar uma vida, a fé agia como um elemento que reforçava a manutenção de elos com as vivências deixadas no outro lado do oceano (BENEDUZI, 2008, p.58).

* Licenciado e Bacharel em História pela PUCRS. Especialista em História do Rio Grande do Sul pela UNISINOS e Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos/UNISINOS.

Na Itália praticavam uma religião de cunho agrário, adaptado ao mundo em que viviam, com muitas festas, orações, frequência aos sacramentos com santos, sinos, velas e procissões. Nesta fé, a moral exaltava o trabalho como forma de ganhar pão, a paciência no sofrimento, a castidade e o amor ao próximo. O sacerdote através do confessionário exercia forte controle sobre o grupo (COSTA; DE BONI, 1991).

Ao chegarem ao Rio Grande do Sul, os colonos não tiveram a igreja, nem o padre. “O associativismo do imigrante haveria de criar um novo mundo cultural, através da reconstrução do mundo religioso” (COSTA; DE BONI, 1991, p.128).

Não foi uma transposição do que se fazia na Itália, os imigrantes transformaram e adaptaram seus valores e modos de viver à nova realidade gaúcha. Rezava-se *La corona* (o rosário) no domingo, percebia-se a distância entre o mundo que ficava além mar e o que se encontrava na América. A vida social dos imigrantes acontecia através da religião. Rezava-se ante a um quadro ou uma estátua de algum santo trazida da Itália. Em pouco tempo, surgiu a idéia da construção de uma pequena igreja. Às vezes, surgiam divisões na hora de escolher o local da construção, o material a ser usado ou o santo padroeiro e assim, uma igreja chegava a ter dois ou três santos padroeiros. Quando não havia acordo entre os interessados, era construída mais de uma igreja no mesmo travessão (MANFROI, 2001).

O papel desempenhado pela religião católica no âmbito da imigração italiana no Rio Grande do Sul foi de dimensão bem mais profunda que qualquer outro fator na influência exercida sobre os indivíduos e a sociedade, embora os imigrantes, durante as duas primeiras décadas da imigração, só tivessem a presença esporádica de sacerdotes para a assistência religiosa, e ainda assim somente nos núcleos urbanos principais: o Papa Leão XIII, talvez devido a preconceitos em relação ao paganismo na América, a princípio não incentivou a vinda de sacerdotes junto aos imigrantes (POSENATO, 1983, p.312).

Organização religiosa dos italianos foi uma importante contribuição para o catolicismo no Rio Grande do Sul, para Costa:

A grande contribuição das comunidades de imigrantes italianos, nas colônias, é a de se terem organizado praticamente desde a sua chegada, possibilitando logo um relacionamento direto do imigrante com a igreja institucional, com a ortodoxia religiosa, com os sacerdotes, o que não acontecia, de modo geral, com as populações já estabelecidas, a não ser as alemãs, que, por sua divisão entre

evangélicos e católicos, aprimoraram também a organização em comunidades (COSTA, 1998, p. 165-166).

O primeiro sacerdote italiano a assistir os imigrantes nas colônias do Rio Grande do Sul foi o Padre Bartolomeu Tiecher (1848-1940). Era natural da região de Trento, na época uma província do Império Austro-Húngaro, apesar da população local ser de fala italiana eles eram designados como cidadãos austríacos e chamados de tirolezes. O Pe. Tiecher sabia falar os dois idiomas, o alemão e o italiano (RUBERT, 1977).

Ordenado em Trento, em 1871, trabalhou em Malo e Civezzano, logo percebeu a imigração trentina para o Brasil e assim, amadureceu a idéia de acompanhar e ajudar espiritualmente seus compatriotas, como outros padres fizeram. Bartolomeu Tiecher emigrou junto com diversos conterrâneos, inclusive seus familiares, a fim de auxiliar espiritualmente seus patrícios Chegou ao Rio Grande do Sul em dezembro de 1875 com uma das primeiras levadas de imigrantes italianos para o estado.

Em 1876, visitou os núcleos coloniais de Conde D'Eu, Figueira de Melo e Princesa Isabel celebrando a missa sob céu aberto e dirigindo a palavra de orientação e conforto aos colonos que recém chegaram da Itália. No dia 21 de março do mesmo ano realizou a primeira missa na região colonial italiana em Conde D'Eu em um altar improvisado com caixotes e baús. No dia seguinte, o vigário partiu para a Linha Figueira de Melo e, no dia 23, também celebrou nesta localidade uma missa ao ar livre diante de um altar improvisado da mesma forma que realizou a missa anterior. Em uma segunda excursão, no mês de setembro, visitou Conde D'Eu, Dona Isabel e a Linha Geral. Em outras excursões no ano de 1877, além dos lugares já mencionados, visitou a I e a II léguas de Caxias. Estas excursões eram feitas sem finalidade de lucro, somente com a finalidade de levar auxílio espiritual àquelas pessoas em meio à mata (BAREA, 1995).

De 1877 à 1881, Tiecher foi pároco de Santo Inácio de Feliz e, em 1886, foi nomeado vigário da paróquia São Pedro de Conde D'Eu (COSTA, 1998). Ele teve como coadjutores os padres Ottavio Caetano e Alberto Biagiotti. Devido a impossibilidade do Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira de visitar as colônias italianas, em 1887, este encarregou o Pe. Tiecher de crismar nas paróquias e capelas de Conde D'Eu, Dona Isabel e Caxias (BAREA, 1995).

Em 1889, Bartolomeu Tiecher solicitou que fossem criados dois novos curatos, um com sede em São Lourenço de Figueira de Melo e o outro em São Luís de Azevedo

Castro. De 1886 à 1894, dirigiu o curato de Conde D'Eu onde construiu um prédio de alvenaria para encontros do clero e, em 1896, ele foi doado pelo Pe. Tiecher aos Capuchinhos, que fundaram ali o seu convento (BUSATTA, 1979). Foi nomeado Cônego Honorário do Cabido Metropolitano, também foi capelão do Colégio de Canoas, do Hospital de Cristal de Porto Alegre e do Hospital de Roca Sales (CAPRARA; LUCHESE, 2005).

Por causa de algumas atitudes e sua luta contra os anticlericais, o Pe. Tiecher fez muitos inimigos e devido ao agravamento da situação e as ameaças que recebeu, teve que mudar a sede de sua paróquia. Em 1891, numa época em que a maçonaria fazia uma propaganda intensa, Bartolomeu Tiecher foi obrigado a fugir para a Linha Zamith e durante a sua ausência a paróquia ficou vaga, sendo administrada pelo Pe. Giovanni Fronchetti. Em 1894, o Pe. Tiecher foi substituído pelo Pe. Francesco Piccoli, “[...] ao qual sucedeu em setembro do ano seguinte o atual pároco Pe. Giovanni Fronchetti, sacerdote trentino” (BAREA, 1995, p. 35).

[...] devido a seu temperamento enérgico e zelo incontido, teve oposição de alguns carbonários, tendo que mudar a sede da paróquia para a Linha Zamith. O bispo, informado dos incidentes, renovou-lhe a nomeação para Garibaldi, onde permaneceu até fins de 1893, quando já estava sendo agenciada a vinda dos capuchinhos a quem deixaria sua própria casa. Depois disto, passou a exercer ministério numa dezena de outras paróquias, sucessivamente, até o falecimento [...] (COSTA, p.181, 1998).

Não foi a primeira vez que o Pe. Tiecher teve problemas, pois alguns anos antes, em 1877, ele foi acusado pelas autoridades da colônia Dona Isabel de incentivar os colonos a rebelarem-se contra os funcionários da colônia. Nesta data, o diretor da colônia mandou cessar o ofício religioso realizado pelo Pe. Tiecher na casa de negócio de um dos colonos, alegando que o sacerdote não tinha permissão do bispo para celebrar a missa. Como não foi advertido, ele não se apresentou ao diretor e provocou um tumulto porque os colonos não aceitaram a interrupção da missa. Assim, um grupo em torno de cinquenta homens atacou, com paus e pedras, a sede da administração e os funcionários. Depois disso, Tiecher foi chamado pelo diretor, que o aconselhou a fazer um sermão no qual deveria pedir aos colonos que obedecessem as autoridades (POSSAMAI, 2005).

O Pe. Bartolomeu Tiecher preocupava-se com a situação de penúria e a falta de

proteção material dos imigrantes italianos sem auxílio religioso, devido à falta de sacerdotes para que tudo procedesse de acordo com as normas da igreja. Para Costa, suas duas preocupações pastorais eram “[...] minorar a situação de privações materiais de toda a ordem dos colonos italianos e manter sua fé, prática religiosa dentro da sã doutrina da igreja, batalhando pela ortodoxia dos pastores e preocupando-se com as vocações sacerdotais” (COSTA, 1998, p. 181). Segundo o autor, a presença deste padre nas colônias italianas contribuiu na organização da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, colaborando desta forma para “[...] a caminhada de uma igreja organizada, base de todo o rápido e sólido progresso das comunidades italianas” (COSTA, 1998, P. 184).

O Pe. Tiecher destacou-se como um naturalista sendo um grande estudioso da flora rio-grandense, escreveu vários artigos sobre esse tema e um livro inédito sobre plantas, em 1917, intitulado *Relação das Plantas*. Faleceu em fevereiro de 1940 com avançada idade de 92 anos, foi pároco em 15 freguesias e exerceu o ministério entre os gaúchos por 64 anos. Morreu pobre porque doou o dinheiro que recebeu para obras de caridade e para financiar vocações sacerdotais (RUBERT, 1977).

Referências

BAREA, Dom José. *A vida espiritual nas colônias italianas do estado do Rio Grande do Sul (1925)*. Porto Alegre: EST, Porto Alegre, 1995.

BENEDUZI, Luiz Fernando. *Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BUSATTA, Félix Fortunato; STAWINSKI, Alberto Victor. *Luís de La Vernaz: a igreja em colônias italianas*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1979.

CAPRARA, Bernardete Schiavo; LUCHESE, Terciane Ângela. *Da colônia Dona Isabel ao município de Bento Gonçalves 1875 a 1930*. Bento Gonçalves: VISOGRAF; Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 2005.

COSTA, Rovílio. Do religioso ao social: a igreja nas colônias italianas. In: DREHER, Martin N. (Org). *Populações rio-grandenses e modelos de igreja*. Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luiz A. *Far La Mérica: a presença italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: RIOCELL, 1991.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. 2.ed. Porto Alegre: EST, 2001.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

POSSAMAI, Paulo César. “*Dall’Itália siamo partiti*”: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

RUBERT, Arlindo. *Clero secular italiano no Rio Grande do Sul (1815-1930)*: padres dos imigrantes. Santa Maria: Pallotti, 1977.